



A DANÇARINA TROUHANOWA NO «QUOD VADIS»—(Cliché Chéri-Rousseau)

N.º 356 Lisboa, 16 de Dezembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Ano. 68000—Semestre. 28400—Trimestre. 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Um tratamento efficaz contra a obesidade

VERDADEIRA REVELAÇÃO

para as pessoas que soffrem de excesso de gordura

Os tratamentos contra a obesidade constituem legião, mas os bons remedios são, entretanto, raros. Cumpre fazer uma escolha entre elles, porquanto nem todos merecem o reconhecimento das pessoas gordas. Não desejamos outras provas senão as numerosas cartas que recebemos diariamente e que se podem assim resumir:

«Já experimentei diversos tratamentos taes como os saes purgativos, extractos organicos, infusões vegetaes, fricções e o corpo com pomadas e observei rigorosamente a dieta das bebidas, não obtendo senão um mediocre resultado. Devo desespearar?»

Evidentemente não ha que desespearar. Todos esses ensaios infructuosos provam simplesmente que os nossos correspondentes não empregaram o bom remedio, aquelle que os pode desembaraçar do excesso de gordura, como aconteceu com outras pessoas melhor inspiradas.

Leiam o que escrevem estas pessoas ao Sr. Ratié, pharmaceutico em Paris:

III.^{mo} Sr.

Os resultados obtidos deois do uso de um frasco de *Pilules Apollo* sendo muito satisfatorios, peço-lhe para enviar-me um segundo o mais depressa possível.

M.^{me} B. em Amiens.

III.^{mo} Sr.

Sinto-me feliz por poder informar-lhe de que após uma semana de uso das *Pilules Apollo*, diminuí de cinco libras, o que é enorme para uma primeira semana.

M.^{me} L. P. em Marny-le-Preule (Calvados).

III.^{mo} Sr.

Estando muito satisfeito com o effeito das *Pilules Apollo* rogo-lhe o obsequio de enviar-me um outro frasco; serei feliz por significar este resultado a diferentes pessoas de meu conhecimento, a fim de decidil-as a seguir este tratamento. E' o melhor agradecimento que lhe posso fazer em relação ás suas maravilhosas *Pilules Apollo*.

Jean N. em Saint-Armand-sur-Fier (Marne).

III.^{me} Sr.

Estou encantada pelo tratamento das *Pilules Apollo*. Emagreci de 10 kilos no espaço apenas de um mez.

M.^{elle} Marie C. em Bazaz.

III.^{mo} Sr.

Venho rogar-lhe o obsequio de remetter-me ainda dois frascos de *Pilules Apollo*. A pessoa que as

toma encontra n'ellas um verdadeiro allivio; assim envia-lhe do fundo do coração um sincero agradecimento.

J. T. parochio em X.

A authenticidade d'estas cartas é garantida e como não foram pedidas, constituem, entre muitas outras semelhantes, o melhor elogio que se possa fazer das *Pilules Apollo*.

Bastam para demonstrar a sua efficacia ao mesmo tempo que a sua acção bemfazeja.

As *Pilules Apollo* tem por base extractos de plantas marinhas e não contém nenhum producto susceptivel de estragar a saude. O estomago, os rins, o coração não são affectados por ellas e as pessoas que d'ellas fazem uso são unanimes em proclamar o allivio e bem estar que sentem.

Este tratamento não se limita a fazer desaparecer a gordura, mas parece agir sobre a causa inicial da obesidade; é por isto que é curativo e não unicamente palliativo.

Produz quasi que instantaneamente o desaparecimento dos numerosos incommodos provocados pela obesidade, taes como: cansaço, congestão, insomnia, oppressão, etc.

O seu effeito emagrecedor cessa com a supressão do tratamento e o resultado obtido pode ser mantido indefinidamente pela observação de simples preceitos hygienicos.

As pessoas a quem o excesso de gordura, por pouco que seja, incomoda farão bem em recorrer immediatamente ás *Pilules Apollo*. Não terão desculpa alguma se demorarem o seu emprego.

J. RATIÉ, pharmaceutico

5, Passage Verdeau

PARIS

Frasco com instruções 1\$500 réis, franco

Contra vale do correio enviado a

J. P. Bastos & C.^a

Rua Augusta—LISBOA



Á CAÇA

Para o caçador não ha manhãs deliciosas como as do outono.

ra radiante, ensarilhando-se-lhe pelas pernas os cães, não menos contentes do que o dono. Julgava ele que não amanhecia. Fartou-se de acordar pela noite adiante com os rebates falsos do gallo. Acendeu fosforos e viu as horas umas poucas de ve-

Que se importa ele que não haja flores pelo campo, nem gorgeios de passaros pelas arvores, nem perfumes pela atmosfera!

Nada d'isso o detem, contemplativo, um minuto sequer na sua impaciencia de se ver no meio da charneca. Ar sereno para que o seja tambem o vôo da perdiz ou da galinhola, herva macia e céu nublado para que se possa caçar mesmo na hora do calor; eis o que absorve todos os sentidos do caçador ao sair de casa.

E lá vae o irmão de Santo Huberto, de espingarda ao hombro, corpo leve e ca-



1—A caminho da charneca. 2—Entrando na charneca d'Albergaria á procura de perdizes.

zes até que emfim, alvoreceu e ele saltou da cama para fóra.

A alguns passos da casa, os cães deixam logo a estrada e metem-se para as terras marginaes. Farejam por entre as aboboreiras serodias, as couves e uns restos de feijão frade, a dar doidamente á cauda. Ali não ha nada que rastejar, a não ser algum ratinho ou alguma

milheirice que andem á cata de sementes caídas; mas o caçador sobe para o talude, levanta os dois cães da arma, inter-valando os estalidos n'uma pausa solene,

lavra, a não ser para reprimir o impeto dos cães, que levam larga deanteira, fóra de tiro. Os cinco sentidos fundem-se-lhe n'um só — o da vista. Não lhe



põe-na em posição horizontal, segurando pelo punho da coronha com a direita, chegada ao guarda-mato e de índice estendido para o gatilho, e sustentando o cano com a esquerda. E, assim, pé ante pé, segue os animais.

Ali não

escapa a menor agitação da herva, a insistencia com que o cão fareja n'este ou n'aquêle ponto, os movimentos particulares que ele dá á cauda, denunciativos de que vae no rasto de bicho que por ali passou.



Um tiro certeiro n'uma galinhola

ha nada, não ha; mas ás vezes... um coelho de levante, furtado aos cães, ou uma perdiz desgarrada do bando vão tão longe e refugiam-se cégamente em qualquer parte... Na caça vêem-se coisas tão extraordinarias, tão fantasticas, tão inacreditaveis!

Não ha quem lhe arranque mais uma pa-

Tudo ele observa de pescoço estendido, olhos muito abertos, apertando nervosamente a espingarda que, suspensa dos seus braços, acompanha em movimento de baloiço o seu andar automatico.

Quantos kilometros não anda ele assim, aos zig-zags, sem vêr nada, sem disparar um tiro! Quantas horas, esquecido de co-



mer e de beber, não passa ele a vagabundear atrás dos cães, sem se sentir fatigado nem aborrecido, sempre a parecer-lhe que é agora que salta um coelho ou uma perdiz, que lhe ha de ornar vitoriosamente o cinturão, pendurada adiante, bem adiante, de fôrma a que as abas do casaco não a tapem, para que toda a gente a veja ao regressar a casa.

Chega-se finalmente á charneca, sa'picada aqui e ali de moitas de pinheiros enfezados, n'um chão de fêtos e tojos, onde a caça faz o seu melhor reduto. O cão não tarda a estacar e a estender-se, de ventre quasi cosido com a terra, o focinho alongado, as orelhas fitas e os olhos despedindo fulgores fascinantes. Nem um musculo lhe mexe; a respiração como que se lhe suspende. Parece petrificado.



bre ela. D'esta vez é uma perdiz que se levanta. Atira-se para o ar com furor e faz um barulho característico, como se tivesse penas metálicas ou guizos nas azas; o que prova que já a fizeram rabiar muito pela charneca. O caçador põe a arma á cara, deixa a ave alargar-se um pouco, visa e desfecha. O cão, de focinho no ar, se-



A creaturinha que ele parou, — perdiz, galinhola, ou codorniz — deve ter ficado por força magnetizada. Nada mais interessante, o que raras vezes se consegue, do que observar a influencia reciproca exercida pelos dois. Ha cães que não avançam, que não acordam d'aquela especie de extasi, d'aquela encantamento, sem que o caçador os empurre com o pé, como ha ave-codorniz sobretudo — que ficaria indefinidamente cosida com a terra, de cabecinha cautelosamente erguida e voltada de lado, espiaando com os olhinhos espertos o menor movimento do seu perseguidor, se este se contivesse que não saltasse so-

1—O primeiro tiro da manhã. 2—Entregando a caça ao dono. 3—Com uma perdiz na boca.

gue a operação com vivo interesse.

A perdiz alteou bruscamente o vôo. A chumbada passára-lhe por baixo sem a atingir. O cão, sem se mexer do seu lugar, volta a cabeça para o dono

como que a acusar-o de desastrado. Mal dissipado o fumo do primeiro, parte um segundo tiro. A ave oscila, como um aeroplano que tivesse uma *pane*; mas logo se reequilibra e continua o vôo até desaparecer. O chumbo, já frio e espalhado, passára-lhe em volta. Não ha nome feio que não saia então da boca do caçador. O

cão d'esta vez nem olha para ele. Ficou-se a rosnar em surdina, de focinho caído. Ambos mostram-se descoroçoados por momentos; mas a faina não tarda a recommear com o mesmo ardor. Bate-se uma grande area de chameca sem apare-

ora *sorve os ventos*; por vezes detem-se de subito, como se tivesse debaixo da pata o que persegue; por outras, avança de rastos, ás guinadas, como se fosse um reptil. Ouve-se-lhe o resfolegar

alto, de cansado e impaciente; o pêlo começa a empastar-se de suor, pegando-se-lhe os esfarelamentos das urzes e rosmaninhos que caem sobre ele ao roçal-os fortemente.

Sem dar tempo a parar, salta-lhe na frente um perdigão velho, que ha mais de meia hora—o matreiro!

—lhe trocava as voltas com admiravel estrategia. O cão estaca e se-

gue-o com a vista. O caçador, meio atrapalhado com a inesperada sortida, manda-lhe um tiro a trinta passos. Vê-se a ave unir as azas ao corpo e esfusiar a prumo; e, depois d'este movimento curioso, cair redondamente morta. A carga alcança-



1—Carregando as armas. 2—Que belo tiro! 3—O jantar dos caçadores. (Clichés do distinto amador João de Magalhães Junior).

cer coisa alguma, nem mesmo o cão dar sinal.

Ao cabo de uma hora, n'uma covada fresca, coberta de espesso mato miúdo, o animal parece que endoideceu. Percorre o terreno a linhas flexuosas, volta para traz, fareja o mesmo carreiro tres vezes: ora ferra o focinho no chão,

ra-a na cabeça; por isso o perdigão *arripou*. N'um salto, o cão aboca-o e corre lépido para o dono. Ergue-se, deita-lhe as patas deanteiras á cintura sem largar a caça, encosta-lhe a cabeça ao corpo, como quem se arrepêdo do atestado de desastrado que lhe passára ha pouco.

A. M. F.



O jantar de homenagem dos chefes das oficinas d'O SEculo e ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA ao seu Inspetor, sr. João Pereira da Rosa, no regresso da sua viagem ao estrangeiro

Sentados: José Soares d'Almeida, chefe das oficinas de electricidade; Henrique Brown, da Imprensa; Henrique Matias, chefe da officina do «Suplemento»; Celestino Mattas, chefe da tipografia do «Seculo»; João Pereira da Rosa, Inspetor das oficinas do «Seculo»; Frederico Bueñdia, chefe da fotografia da «Ilustração Portuguesa»; João Aires, gravador do «Seculo»; Pietro Ginni, chefe da fundição de tipo. — De pé: Joshua Benollei, chefe da fotografia; Julio Plaza, chefe da Imprensa das obras; Manuel Roque da Silva, chefe da tipografia d'obras; Teodoro Medina, chefe da stereotipia; Carlos Sá Carneiro, engenheiro; Henrique Varela, chefe da serralharia; Gaspar Teles, chefe do «atelier» de desenho; Ramon Bertrand, chefe da impressão do «Seculo».

(Cliché Benollei)

ESTRELAS DE PARIS

Mademoiselle Lavallière tem em *L'Habit Vert*, a peça de monsieurs Caillavet e

do ator ou da atriz a que destinam os papeis das suas peças. E é talvez por isso

que no *Habit Vert*, como outrora no *Roi*, mademoiselle Lavallière tem um dos melhores papeis da sua carreira, não ainda das mais longas mas já, com certeza, das mais gloriosas.

D'esta vez a atriz apresenta-nos, no começo da ação, uma provinciana instruida mas *mal dégrossie*, limida ao ponto de a pensarem parva, que vem, apresentada por seu tio, futuro presidente da Republica, ocupar um lugar de secretario em casa de um duque da Academia. Mas depressa a *gauche* provinciana se transforma. O amor



—Eve Lavallière (Cliché Manuel) 2—Eve Lavallière em «Les Petits» (Cliché Felix) 3—Eve Lavallière no «Roi»

por um conde *snob* faz-lhe desenvolver prodigios de habilidade e de malícia e quando, no ultimo ato, o tio, já *prisioneiro* do Elyseu, a dá como esposa ao dito conde, é a espiritual e elegante parisiense que nós vemos, dona d'uns admiraveis olhos negros de que ao começo quasi não deramos fé.

O genero de papeis a que mademoiselle Lavallière se consagra têm um perigo: o do exagero. As proprias qualidades que eles exigem dos artistas que os interpretam dão-

lhes uma exuberancia por vezes excessiva. Seria de pessimo gosto e não melhor criterio citar como exemplo d'isso a Brigitte Touchard apresentada na peça das Variétés. Não, mademoiselle Lavallière está hoje na posse plena dos recursos da sua arte. A sua fantasia,



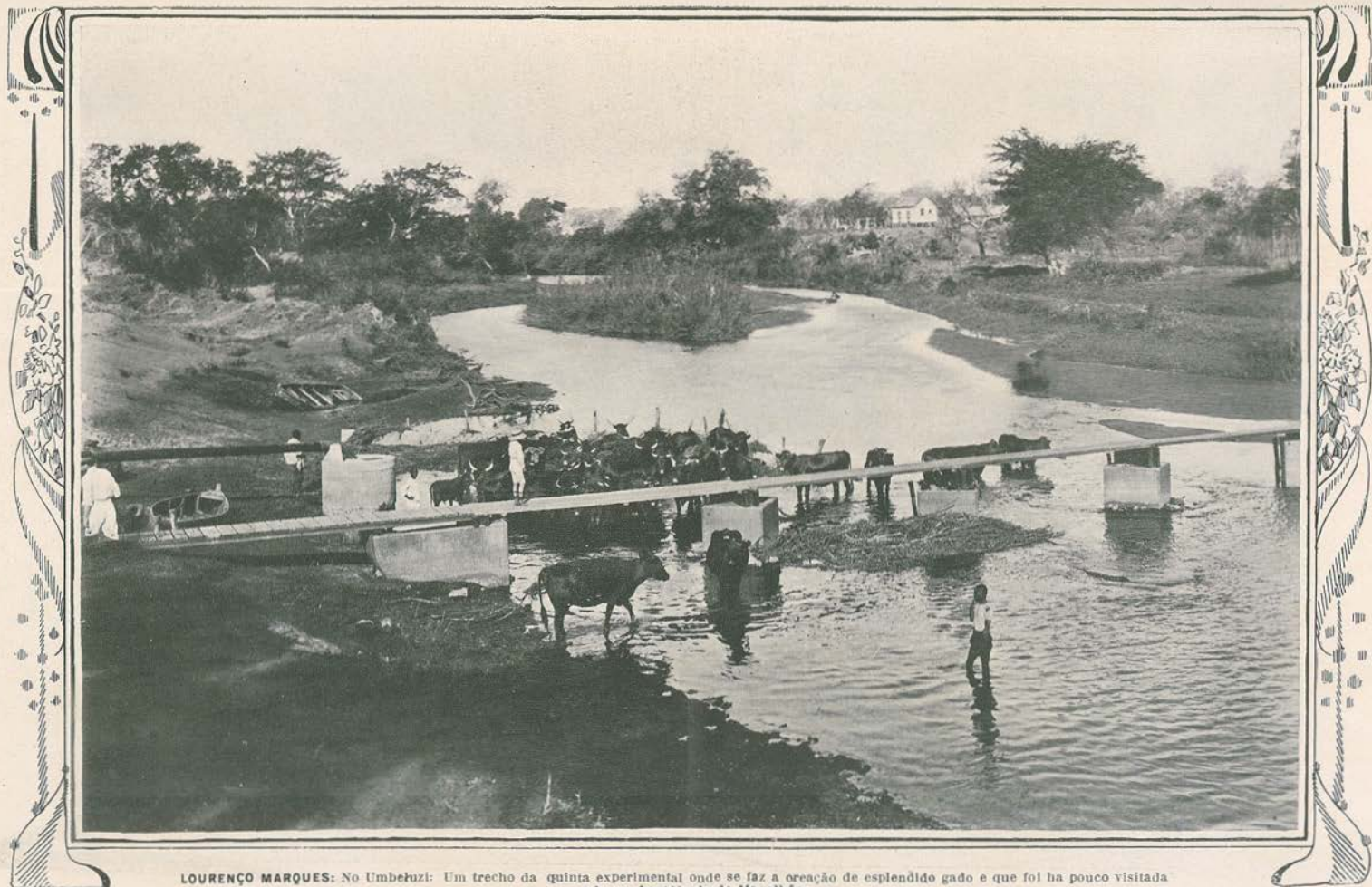


1 e 2—Eve Lavallère na «Les Favorites» (Clichés Félix)

aliás viva, essa desenvoltura alegre que muito fez para conquistar-lhe a adoração d'um publico fiel, aliam-se a uma sobriedade, uma medida justa que é, por assim dizer, o seu melhor *contrôle*. A artista tem o bom senso das proporções; um bom-gosto no comico que a certos dos seus companheiros, em abono da verdade, se deve dizer que falta um pouco. E eu penso que deve pôr-se em destaque essa bem preciosa qualidade.
Paris. *Paulo Osorio.*



3—Eve Lavallère caricatura por De Losques.



LOURENÇO MARQUES: No Umbeluzi: Um trecho da quinta experimental onde se faz a criação de esplêndido gado e que foi há pouco visitada pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães

A FOZ-DO-LIZ DESVIA-SE 800 METROS PARA O SUL.
UMA POVOAÇÃO EM PERIGO.



1—Um aspéto do Liz na Vieira.—(Cliché do sr. João de Magalhães Junior)

O Liz é um dos rios mais encantadores que serpeiam sobre a terra portuguesa. Não o dizemos, influenciados pela leitura de algum trecho do nosso mavioso bucolista Francisco Rodrigues Lobo, que não amou menos do que o pobre Filinto Elisio as ribeiras em que nasceu. Dizemol-o, porque já tivemos ocasião de admirar as suas margens em varios pontos do seu curso de 25 kilometros, oferecendo a paisagem aspéto sempre soberbos.

Todas as povoações que se lhe abeiram ou aproximam sentem-se felizes. No inverno cobre-lhes os campos de nateiros fecundantes; no



2—A ponte sobre o Liz proximo da Vieira.

verão fornece-lhes água para os refrescar. Lá vem, n'um ou n'outro ano, uma cheia em proporções devastadoras; mas os estragos depressa se reparam, e o Liz, longe de constituir um objeto de terror para as gentes visinhas, é um amigo de confiança que mesmo de noite as embala com os brandos murmurios da sua corrente, harmoniosamente casados com os dos sal-

momento para o outro, baldeadas na maior miseria, não se calculando os sacrificios dolorosos feitos pelos vieirenses para conseguirem novos abrigos e o receio que novamente os invadiu de que se repita tão pavorosa catastrophe.

A defeza unica da Vieira está em manter o rio dentro dos seus limites naturais até entrar no oceano. Para isso tem-se gasto muitos contos de réis n'um mólhe na margem sul e na extensão de cerca de um kilometro.

Essa obra como foi traçada e executada até certa altura oferecia as condições necessarias de resistencia e efficidade. A base do mólhe era larga e formada de excelente material, bem ligado e consolidado. Tudo se impunha para que continuasse na mesma largura não só até a afflora, mas ainda a dominar o nivel medio das aguas. E note-se que pouco faltava para completar a obra n'esses termos, unicos que evitariam o não comprometer-se todo o dinheiro gasto e a derrocada da povoação.

O que se fez, porém,



gueiros que pendem tristonhos sobre ela.

Já não pôde dizer o mesmo a Vieira, perto de cuja praia ele desemboca. Entre ele e as areias trava-se na foz uma luta terrível, de que a formosa praia é a unica a sofrer as consequências.

O mar, batido do norte, ergue-lhe na frente dunas enormes como barreiras intransmontáveis. No embate das suas aguas contra elas, o Liz pouco mais consegue do que uma pequena infiltração, o que não determina diferença apreciavel no seu volume, tendo a corrente de forçar caminho n'outro rumo.

E assim alastra-se parte pelas terras adjacentes esterilizando-as sob uma camada grossa de areia que arrasta consigo, abrindo ao mesmo tempo novo leito pelo areal da Vieira em direção à povoação da praia, que está ameaçada constantemente de ser subvertida.

E' o que acaba de acontecer. A foz do rio deslocou-se para 800 metros ao sul da sua situação primitiva. Está imminente o mesmo desastre que se deu ha anos com igual desvio. A torrente levou adiante de si 130 barracas de pescadores, sem que houvesse esforços humanos capazes de se opôr a essa medonha obra de destruição. Foram outras tantas familias, de um



1—Conceriando as redes. 2—Um trecho da praia.

com intuito presumivel de economia? De certa altura para cima fez-se o mólhe dois ou tres metros mais estreito. Com algumas estacas, poucas pedras e cimento, arranjou-se uma coisa que durou um instante e que realmente não podia durar mais, como o atestam as suas proprias ruinas. São elas que denunciam claramente como tudo aquilo foi armado no ar.

Não sabemos quantas vezes o rio tem estragado a obra nova e quantas vezes ela tem sido reparada, tornando-se urgente providenciar para que os trabalhos hydraulicos da foz do

Liz se conclua quanto antes para evitar que se perca tanta despesa feita e que a praia da Vieira seja por ele arrazada.

Bem bastam a essa pobre gente as dificuldades angustiosas com que luta para poder viver, quanto mais para reconstruir o que o rio ameaça arruinar-lhe. Muitas vezes a braveza do mar não permite que saiam os barcos de pesca, por mais corajosos e valentes que sejam os tripulantes. E, quando saem, passam-se semanas que nem uma sardinha apanham para matar a fome.



1—Um trecho do mercado de Vieira. 2—A caminho de casa depois do mercado.

3—Um rancho de raparigas de Vieira a caminho do trabalho
(Clichês do distinto fotógrafo amador sr. João de Magalhães Junior)



1—Junto á antiga barra do Liz.

2—Mulheres de Vieira.

(Cliché do distinto fotografo amador sr. João de Magalhães Junior)

Fôsse ou não, os desventurados pescadores da Vieira perderam a esperança de que o seu mar volte outra vez a povoar-se como antigamente. E, se a essa desgraça se junta a do Liz lhes levar as barracas, mais vale morrer. Coitados! E' preciso acudir-lhes.



3—A saída d'um barco de pesca.

Parece que os cardumes de peixe, d'antes tão regulares na sua passagem por aquela costa, sofreram largo desvio, não se sabendo a que atribuir semelhante facto, que coincide com o pavoroso abalo de terra de abril de 1909. Teria ele sido determinado por causas sísmicas?



Encalhe do "Almirante Reis"

Julgamento e absolvição do seu comandante

O capitão de mar e guerra sr. Amaro d'Azevedo Gomes, que comandava o *Almirante Reis*, foi julgado em 7 de dezembro em virtude da acusação de ter encalhado aquele navio no baixo da Foz, cêrca de Espozende, quando navegava em junho ultimo.

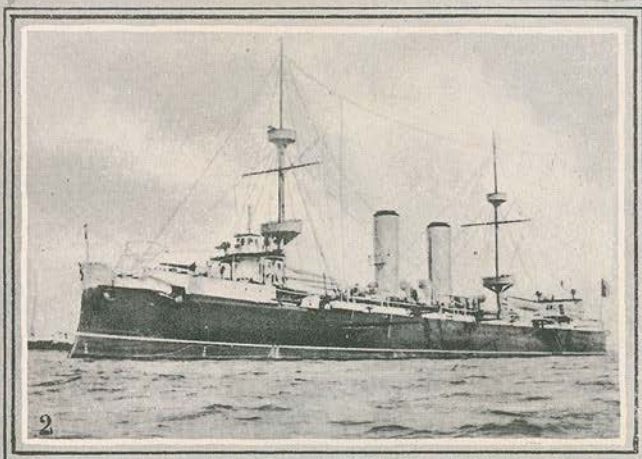
No decorrer da audiéncia provou-se absolutamente que o distinto oficial de marinha tomára o comando do navio quando ele se encontrava em condições de ruína, não tendo ampulhetas, nem odometro, nem barquinha elétrica, assim como era de 1887



a única carta de bordo e por consequéncia muito deficiente. O *Almirante Reis* estava de tal maneira danificado que marcava 20 milhas quando andava apenas 12.

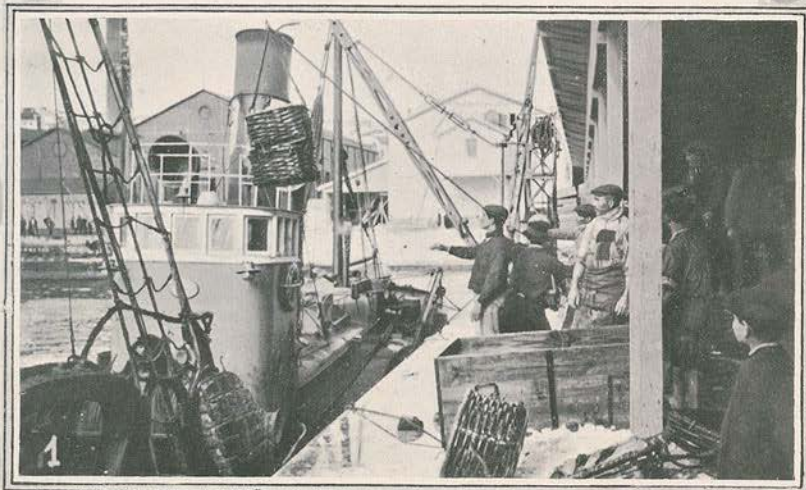
A acusação entendia que o comandante do navio o devia ter participado ao sr. ministro da marinha, mas a defeza argumentou com a ocasião em que se mandou sair o cruzador, que foi quando da segunda incursão, o que só abona as qualidades militares do sr. Azevedo Gomes, intentando a travessia, apesar do estado do barco cujo comando lhe entregavam.

O tribunal absolveu o acusado.



1—Capitão de mar e guerra sr. Amaro d'Azevedo Gomes. 2—O «Almirante Reis». 3—Aspéto do Julgamento em que foi absolvido o comandante do «Almirante Reis». (Clichés de Benoitte)

A questão do peixe



1

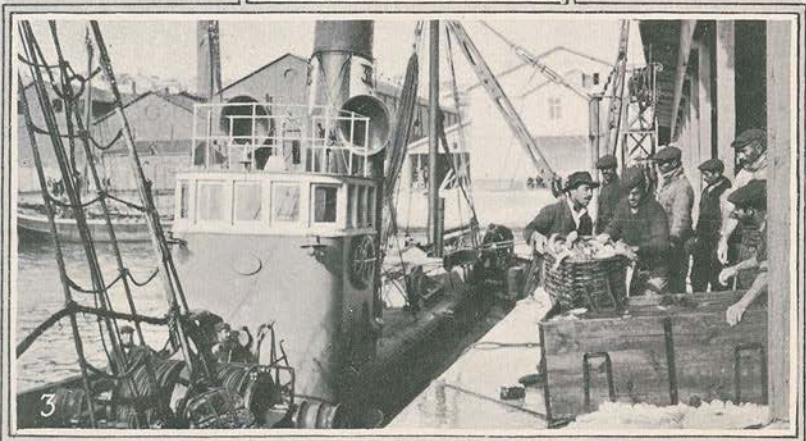
A questão travada entre os vendedores de peixe e a direção do novo mercado de Santos foi levada à Câmara Municipal, onde se reuniram os delegados d'aquêle estabelecimento, no dia da sessão do município, havendo motins e correrias motivados por uma má compreensão da solução que se dava ao



2

confli to e que era a de continuar a lota no velho mercado.

No entanto, as vendedeiras ambulantes, no dia seguinte, protestaram contra essa resolução, desejando comprar diretamente o peixe no moderno mercado dispensando o antigo intermediário, continuando por isso o mercado a funcionar.



3

1—No novo mercado: a descarga do peixe. 2—Um gigo bem carregado. 3—Outro aspecto da descarga.



As varinas que desejam o mercado novo, onde compram o peixe diretamente, depois da sua manifestação em Santos. (Clichés de Benolle)

PROPRIETARIOS E INQUILINOS

Na Associação d'Agricultura, instalada no palacio fronteiro á Havaneza, reuniram-se em 8 de dezembro alguns proprietarios urbanos e rurales que tinham acordado n'uma sessão anterior irem entregar uma representação ao parlamento protestando contra os novos impostos que vão onerar as suas propriedades.

N'esse mesmo dia alguns centenaes de inquilinos reuniram-se tambem na praça de Camões no intuito de levarem ao parlamento o seu protesto contra o artigo 9 da lei do inquilinato, que permite o aumento das rendas ao cabo de um ano da publica-



ção do decreto. Juntou-se muito povo em frente da Associação de Agricultura dizendo poderem os proprietarios pagar mais e que buscavam eximir-se á integral declaração dos seus haveres para a devida coleta. O presidente da reunião, o grande lavrador sr. Palha Blanco, ao abrir a sessão, mostrou que a lavoura não procurava eximir-se aos seus encargos e outros oradores pediram que se fizessem novos cadastros cumprindo d'este modo o que fosse estabelecido por lei.

O povo, porém, de momento a momento mais numeroso engrossadas as filei-



1—O sr. dr. Oliveira Felião, presidente da Associação de Agricultura, saindo pela porta do edificio que deita para a rua Antonio Maria Cardozo. 2—A multidão aguardando a saída dos proprietarios depois de se lhes manifestar hostil.



1—A multidão diante da Associação de Agricultura.

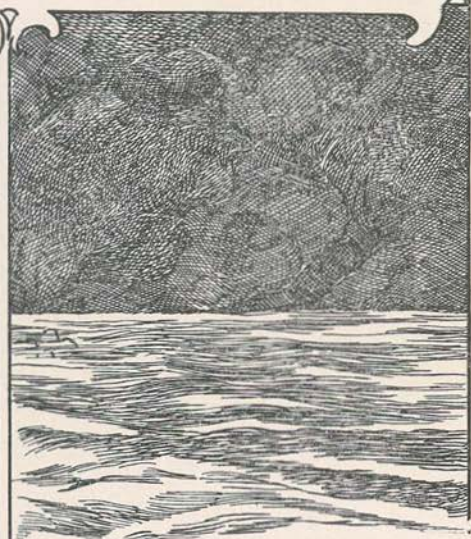
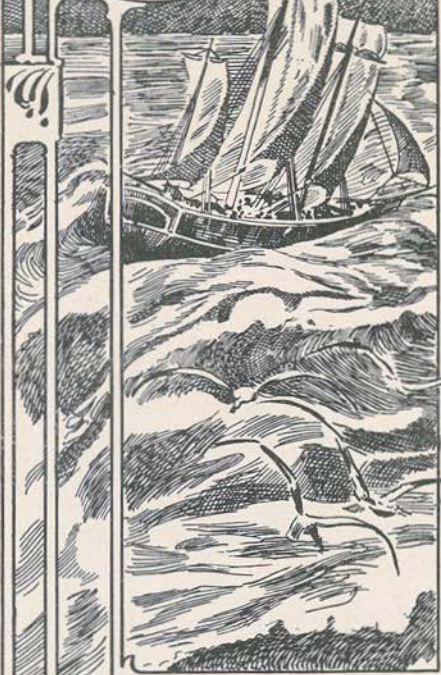
ras pelos inquilinos que já tinham regressado do parlamento, clamava contra os proprietários, que, receosos de manifestações mais hostis, deliberaram

não levar por diante o seu intento da entrega da representação, sendo a coberto da guarda republicana, mas sendo ainda alguns agredidos pela multidão.



2—A cavalaria afastando o povo do largo em frente da Associação d'Agricultura. (Clichés de Benotiel)

A MORTE DO CAPITÃO DO LUGRE "AMFITRITE"



O capitão Manuel Nunes da Graça era um dos officiaes mais inteligentes e corajosos da nossa marinha mercante. O lugre *Anfitrite* era propriedade sua. Seguiu a sua construção em Vila do Conde com inefavel carinho e atenção. O dia em que ele foi lançado ao mar, Nunes da Graça considerou-o o dia mais feliz da sua vida, retomando então a carreira nautica de que estava a'astado havia algum tempo, apesar de contar apenas 37 anos de

idade. No dia 2 do corrente encontrava-se o *Anfitrite* em Lisboa de levante para Aveiro. O vento soprava rijo e o mar devia estar grosso, mas Nunes da Graça não quiz adiar a saída. Ao chegar a Cabo Raso teve de pôr-se á capa; mas, como na altura do Cabo da Roca o vento amainasse, o capitão mandou desfazer a capa conservando-se ao leme.

Procedia-se á manobra, quando rebenta a escota da mezena e batendo-lhe com enorme violencia nas pernas baldeou ao mar o valente marinheiro, sendo frustradas todas as diligencias, que, no meio da maior angustia, se fizeram para o salvar.

Mal cuidava ele, quando exclamava ser o dia mais feliz da sua vida aquele em que tomou o comando do seu navio, que não tardaria muito a ser cruelmente arrancado do seu posto e baldeado no abismo.

Manuel Nunes da Graça, capitão e proprietario do lugre "Anfitrite", que a vela e mezena arremessaram ao mar.

Um novo Pintor

O nome de Antonio Gonçalves de Azevedo e Silva não deve ser estranho para a maior parte dos leitores da *Illustração Portuguesa*, que em tempo publicou um desenvolvido artigo, pondo em relevo o seu formoso talento como caricaturista.

De enão para cá os progressos obtidos na sua educação artística são realmente prodigiosos. Azevedo e Silva concluiu este ano o curso de pintura na Academia das Belas Artes de Lisboa: um curso brilhante, em que ele afirmou, a par da



1—Cabeça de estudo.

sua grande vocação, o mais consciencioso e aturado estudo.

Para se fazer uma ideia das poderosas faculdades do novo pintor, bastará dizer que, tendo nascido surdo-mudo, fala hoje muito compreensivelmente, sus-

tentando uma conversa porque nos lê nos lábios as mais rápidas articulações, e tendo até feito as provas oraes dos seus exames.

É um dos exemplos mais assombrosos da efficacia do moderno ensino dos surdos-mudos, sendo justo que se registre aqui com louvor a alta capacidade profissional do distinto professor da especialidade, sr. Nicolau Pavão, cujos esforços foram devotadamente secundados pela estremosa mãe de Azevedo e Silva, a sr.^a D. Albina de



2—O pintor Antonio Gonçalves de Azevedo e Silva.



3

Sousa de Azevedo e Silva, e do seu tio, o conego Antonio de Sousa Azevedo, illustrado prior de Bemfica.

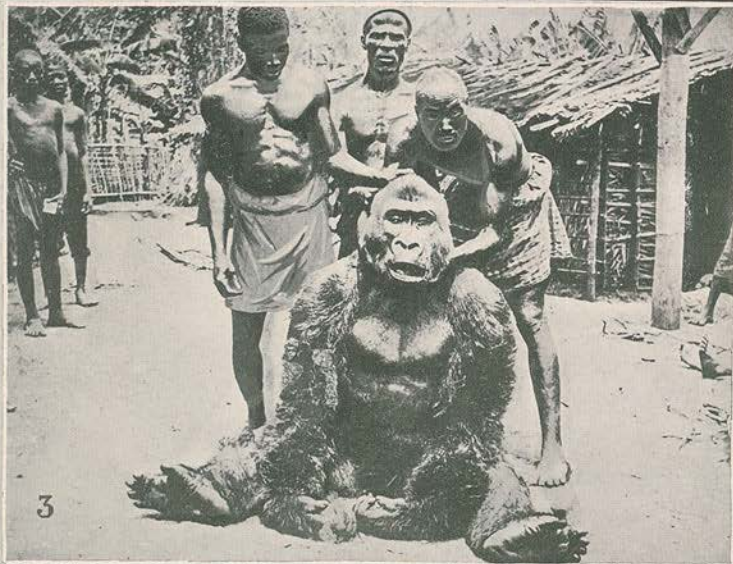
Antonio Gonçalves de Azevedo e Silva foi um dos discipulos prediletos de Columbano na Academia e e estamos certos de que honrará sempre o nome do nosso grande mestre, revelando-se-nos um artista de largo futuro.

Figuras e factos



1—O conspirador realista, Velga Faria, condenado no tribunal marcial de Santa Clara a 4 anos de prisão celular e 8 de degredo ou na alternativa de 15 de degredo.

O engenheiro naval sr. Pedro da Silva Junior, falecido na sua residencia d'Ajuda, foi um dos mais distintos membros da sua corporação, onde prestou os mais assinalados serviços.



2—O engenheiro naval sr. Pedro da Silva Junior, falecido em 5 de dezembro.

3—O maior gorilla conhecido. Este fenomenal gorilla pesa 600 libras, mede 5 pés e 5 polegadas d'altura e mais de 8 pés d'um dedo mínimo do pé direito ao do pé esquerdo, abrindo as pernas. Foi morto no Congo francez pelos indigenas. — (Cliché Archives du Miroir)

As festas da Republica na Guiné

Na Guiné realizaram-se tambem festas pelo aniversario da Republica, demonstrando-se assim como por toda a parte o novo regimen recebe o mais entusiastico aco himento, sendo celebrada a sua data com verdadeiro jubilo não



só nas cidades da metropole mas a nda pelos portuguezes espalhados por todo o mundo. Nas colonias não foi só o elemento oficial mas tambem os comerciantes e os seus empregados que se associaram para que fosse revestida de brilhantismo a comemoração, como succedeu n'aquela nossa possessão.



1—A ornamentação da rua Sá da Bandeira em Bolama. 2—O Juri da corrida de bicicletas. 3—A orchestra que tomou parte nos festejos.

A guerra dos Balkans



Os primeiros plenipotenciarios de dois paizes que se pronunciaram pelo armistício
1— Izzet Pachá, turco (Gliché Chasseaux Playvins)
2— General Fitcheff, bulgaro.
3— Nazim Pachá, turco (Gliché do Archives du Miroir)
4— General Savoff, bulgaro.

E' em Londres que se reunirão os delegados dos paizes balkanicos.

Os turcos serão Tewfich Pachá, embaixador em Londres, Osman Nizami, embaixador em Berlim, Rechid Pachá, ministro do commercio.

Da Bulgaria irão os srs. Daneff, Teodoroff e o general Fitcheff, além dos ministros bulgaros em Londres e Paris, srs. Stanciof e Madjarof. Em Belgrado reuniu-se o conselho de gabinete para dar as instruções aos representantes servios.

O governo do Montenegro designou os srs. Lazare Minsckovitch, antigo presidente do conselho, Jean Popovitch, antigo encarregado de negocios em Constantinopla, e o conde Lugo Voinovitch, ex-ministro da justiça.

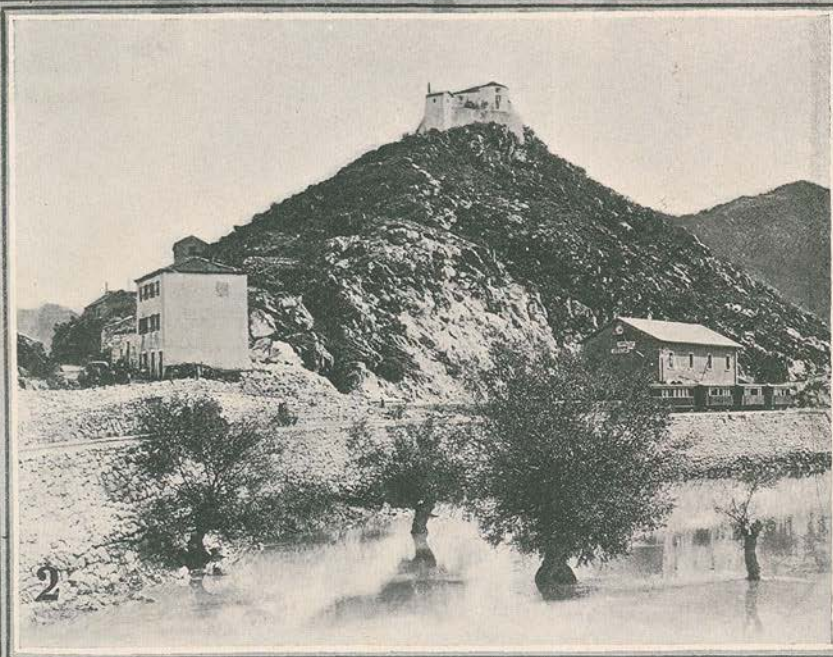
Anunciou-se tambem oficialmente que a Grecia mandaria representantes á conferencia de Londres mas logo se desmentiu o boato vivamente.



5—Uma aldeia turca abandonada pelos habitantes diante dos invasores.
(Gliché Archives du Miroir)



A retirada das tropas do 4.º corpo do exército turco sobre Constantinopla. (Clichê Archives du Miroir)



1--Um heroe feliz: o principe Danilo do Montenegro junto a uma das metralhadoras tomadas aos turcos pelo regimento do seu comando. 2--O cerco de Scutari: Vista do forte de Murlitchau, em frente de Tarabosch, onde o general montenegrino Martinovitch estabeleceu o seu quartel general. (Clichés do Archives du Miroir)

Da deliberação dos plenipotenciarios reunidos virá sempre um golpe para a Turquia vencida. Não sairá da Europa o seu dominio, mas perderá muito d'ele.

Essa prematura idéa da tomada de Constantinopla, dos al'ados penetrarem a cavallo na cidade santa e de Fernando da Bulgaria ser coroado imperador, não era mais do que um sonho vago e romantico. Ninguém o teria consentido. Constantinopla é, como já dizia Napoleão I, uma preciosa chave. Se não fosse a importancia da sua posição ha muito estaria resolvida a questão dos Balkans, pois o homem dos seculos quiz partilhar toda a região com a Russia que ficaria com a Bulgaria, a Moldavia, a Velachia e o Montenegro, enquanto a França guardaria o resto. O czar não acedeu porque queria Constantinopla e d'aí nasceu a nova guerra, as horriveis cenas de Moscow em chamas, Berezina, os esquadrões da loucura e a queda do imperio.

Bastava pensar-se n'isso para não tomar a serio essa pretensão dos que já viam a Turquia vencida e desbaratada a ponto de ficar só com a sua parte asiatica ante as primeiras derrotas.

Ao começo, porém, não era assim. Acreditava-se na vitoria turca, embora não se quizesse a guerra.

Quando ela rebentou lembraram-se então de que n'aqueles paizes onde o turco dominava de ha muito corria o sangue dos massacres cristãos. Isso impulsionou, mais do que uma razão politica incompreensivel para o soldado, as forças bulgaras guiadas pelos seus chefes



1



2

1—O colera em Constantinopla: Um soldado turco guardando uma fonte contaminada para impedir os habitantes de beber. (Clichés do Archives du Miroir)
2—O rei Jorge da Grecia \diamond entrando em Salonica seguido pelos seus soldados e pelo estado maior.

ajoelhando antes das batalhas diante dos seus padres. Emfim, viram-se as sucessivas derrotas e chegou-se finalmente ao armistício que durará enquanto durarem as negociações da paz que, parece, serão prolongadas em virtude das complicações entre os aliados, e nas quaes a Grécia tem a maior parte. O armistício foi porém assinado pela Servia, Bulgaria e Montenegro, enquanto os navios gregos continuavam os seus bombardeios.



A rainha da Bulgaria no campo de batalha tratando de feridos
(Cliché Chusseau Flaviens)

A razão foi esta:—Os turcos recusaram Janina á politica grega que a desejava. O governo otomano declarou que por um simples armistício não entregaria praças que se defendem ainda. Os aliados, porém, deixaram os gregos fazer as suas reclamações e foram tratando praticamente das condições da paz, enquanto se preparam outros plenipotenciarios para a conferencia definitiva e que se realisará em Londres. Essa attitude dos aliados para com os gregos é muito comentada. A Turquia antes da guerra dirigira-se a Veniselos—o presidente do conselho grego—com ofertas



tentadoras que foram recusadas. O fim da Sublime Porta era que não entrasse na aliança balkanica. A Turquia declarou então a guerra á Bulgaria e á Servia mas não á Grecia.

Antes do pedido do armistício tambem ofereceu a esta nação separadamente a paz, que Venizelos repeliu para ficar fiel aos aliados. O ministro grego em Inglaterra já



se exprime assim: «A Grecia no conflito actual não combateu somente com os seus 140.000 soldados. A sua armada foi o factor decisivo da victoria. Sem ella a Turquia poderia ter desembarcado as suas melhores tropas da Arabia e da Asia Menor, tornando assim impossivel os triunfos dos outros. Foram tambem os seus na-

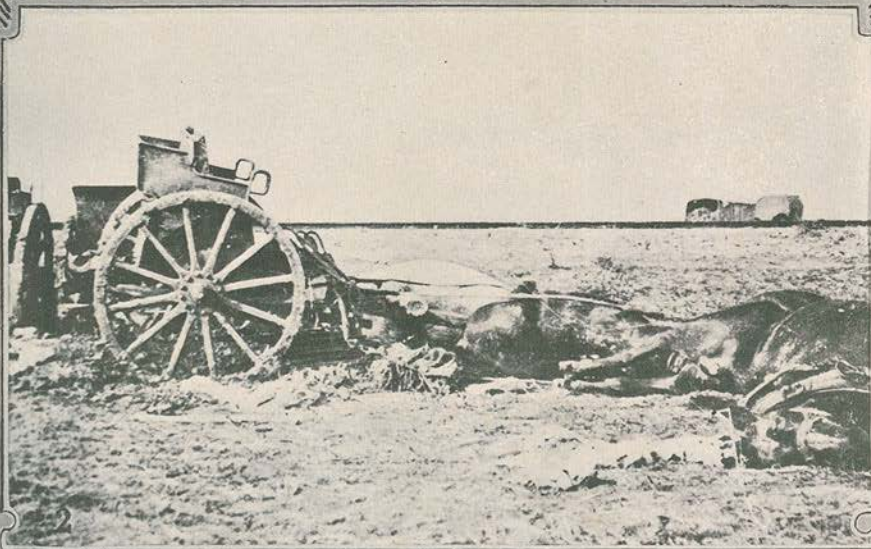


1—O colera no exercito turco: O campo dos agonisantes na aldeia de D'Hadem Keni, vendo-se a carroça que recolheu os mortos. 2—No campo de batalha de Rumnovo foram encontrados entre os despejos milhares de cartuchos turcos com bala de madeira e que a administração turca fornecia ao exercito como se estivessem carregados com verdadeiras balas. Esta fotografia, ao ser publicada no «Daily Mirror», de Londres, causou profunda sensação. 3—As carroças vasando as suas funebres cargas



vios que paralisaram todo o serviço dos caminhos de ferro turcos impedindo a passagem dos wagons de carvão e fazendo com que os exercitos da Asia Menor andassem em mar-

chas terriveis que as enfraque-ram.» Que mais ainda nos vae surpreender n'este drama balkanico que ha um seculo deixou de se resolver e ainda está longe do seu fim?!



1—Grupo de prisioneiros turcos n'uma villa bulgara. (Cliché Chusseau Flavens)
2—O estado em que ficaram as peças d'artilharia turcas, depois d'uma sortida nos arredores de Andrinopia.

O "Reposteiro Verde", no Teatro Nacional



1—O final do 1.º ato.

2—Dr. Julio Dantas, autor da peça.



3—A cena capital do 2.º ato

A festa da Mocidade Cristã



Na União da Mocidade Cristã realizou-se uma festa cujo produto reverte a favor do seu cofre e que foi promovida por uma comissão de senhoras das colônias americana, inglesa e alemã que praticam o rito evangelico. As salas estavam ornamentadas com verdura e varios instrumentos do uso dos *boy scouts* e entre elles uma barraca d'acantonamento completa.

Instalou-se nas salas uma esplendida *kermesse* onde se expuzeram e foram rifados magnificos objetos, sendo tambem oferecido pelas senhoras da comissão um chá á imprensa.

Foi aquella coletividade que primeiro levou á pratica a formação dos grupos de *boy scouts* e já de tal maneira eles estão adextrados que bem o demonstraram nos seus exercicios feitos diante dos convidados para essa festa cheia de encanto.

As *kermesses* continuarão nos dias proximos e os seus resultados são



já excelentes, tendo concorrido varias pessoas com avultadas quantias para o cofre da coletividade, onde as colonias estrangeiras protestantes, bem como os nacionais que professam essa religião, se reúnem e na qual se pratica largamente o bem.

○○○



1, 2 e 3—Varios aspectos da festividade.

NO BRAZIL

As festas em Juiz de Fora dedicadas á Republica Portuguesa



1—O cortejo cívico na Rua Direita.

2—Os auto-omnibus que conduziram as 15 meninas que representavam as Republicas portuguesa e brasileira, as 8 provincias continentaes, Açores e Madeira e as possessões da Asia, da Africa e da Oceania. As meninas que entraram no cortejo foram Adalgisa Gonçalves Neves, Maria Gonçalves Ne-



ves, Maria Coelho, Zelina Coelho, Nini Pinheiro, Dulce Pinto Correia, Senhorinha Gomes, Zelia Gomes, Olga Rocha, Maria Taveira, Juracy Bulcão, Ana dos Reis, Nair Garção e Orta Campos.

Mesmo longe da patria ela não esquece jámais. Parece que a saudade funda mais nos atrae; a terra onde nascemos chama-nos com as suas recordações e tudo d'ela vem com uma intensidade extranha desde os cami-



ra falarem do seu paiz e para solenizarem juntos as suas festas e as suas datas gloriosas.

Foi o que succedeu com as nossas colonias por todo o mundo.

Os ecos das suas festas pelo segundo aniver-



1—Grupo d'uma pequena parte da comissão que realizou as festas: sr. Gregorio Gonçalves, sr. José Seralino, sr. Joaquim

inhos das aldeas nossas conhecidas ao tumulto e aos detalhes das grandes cidades.

Como não se pôde correr para ella sempre que se quer juntam-se mais os compatriotas pa-



Gonçalves, sr. Albino Villas Boas, sr. Manuel Martins, sr. Alípio Rocha Gomes, sr. Manuel Jorge Junior.

sario da Republica Portuguesa teem vindo chegando dia a dia inserindo nós hoje os aspétos da solenidade em Juiz de Fóra, no Brazil, na qual houve uma grande confraternisação.